

R U Y F A B I A N O

Eleição Presidencial
O futuro dos perdedores

17 SET 1994

Os dois grandes perdedores desta eleição, Orestes Quércia (PMDB) e Leonel Brizola (PDT), pagam o preço da insensibilidade política. Não perceberam o caráter plebiscitário da eleição, centrada em torno do Plano Real, nem tiveram a modéstia de firmar alianças com os candidatos que polarizam o processo — Lula e Fernando Henrique.

Quércia tem contra si o processo de faxina ética que tomou conta do País. Ulysses Guimarães dizia que há dois tipos de políticos, aqui e em toda parte: os que têm currículo e os que têm prontuário. Quércia tem sua imagem pública vinculada à segunda categoria, que, no momento, digamos assim, não está em boa forma física.

Brizola não está em situação muito melhor. Sua imagem pessoal até que não é ruim. Encaixa-se na turma do currículo. Mas sua imagem de administrador está definitivamente comprometida pelo quadro de decadência do estado do Rio, sua base política, que governou por dois mandatos e onde seu partido há mais de uma década dá as cartas.

Por mais que atribua a conspirações da CIA e da Rede Globo o desgaste de sua imagem de político, o que a abala de fato é a vitrine caótica de sua administração no Rio. Brizola subestimou tudo isso e recusou propostas vantajosas de pacto com o PT, partido que mais se aproxima de suas convicções doutrinárias. Indispôs-se com Lula e não há nada neste mundo que o remova dessa posição. O senador Darcy Ribeiro, seu parceiro em muitas jornadas, empenhou-se nesse sentido, mas fracassou. Brizola esclarece que topa tudo, menos Lula.

Preferiu aproximar-se de Esperidião Amin (PPR) e Orestes Quércia, para selar um pacto eleitoral que, se cumprido, mereceria o nome composto de “abraço de afogados”. O pacto consistia em, neste mês de setembro, os três avaliarem as respectivas chances elei-

torais. O melhor colocado receberia a adesão dos outros dois.

Claro, ninguém mais fala disso. Não há melhor colocado. Os três estão próximos do nada. Mais negócio seria renunciarem em benefício de Enéas, que conseguiu melhor performance. Caricato ou não, Enéas deixou de ser um traço nas pesquisas e conseguiu matrícula na vida pública, goste-se ou não de suas idéias. Tornou-se conhecido e, como diria Stanislaw Ponte Preta, é mais um que desponha para o anonimato. Ou não.

O senador José Sarney sai frustrado do processo eleitoral. Sonhava em ser o nome capaz de reerguer o PMDB, voltando à Presidência da República pelo voto direto. As pesquisas iniciais, anteriores ao Plano Real, o mostravam em boa situação, à frente de Fernando Henrique Cardoso e logo abaixo de Lula.

É improvável, no entanto, que resistisse não apenas ao Plano Real, mas, sobretudo, ao processo de transformação de valores por que passa o País. O estilo político do ex-presidente, que pratica um populismo conservador, está sob marcação crítica da opinião pública e seria alvo de intenso bombardeio dos adversários, que lhe causaram formidáveis contratempos quando da CPI do Orçamento.

Não tem, no entanto, do que se queixar: deve manter sua hegemonia política no Maranhão, via eleição de sua filha Roseana para o governo do estado, e será peça importante na articulação de maioria parlamentar do futuro governo federal. Quanto a Esperidião Amin, continua senador e terá sua mulher, Ângela, eleita governadora de Santa Catarina.

Derrotados mesmo saem Brizola e Quércia, cujos comitês de campanha já começam a ser fechados. Terão que recomear do zero, se tempo houver.

CORREIO BRAZILENSE